



New Orleans, cena de discriminação registrada por Robert Frank, 1951/52

COMUNIDADE

Pesquisadores da UERJ mapeiam violências pública e privada

O Núcleo de Pesquisa das Violências (Nupevi), ligado ao Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), estuda e faz o mapeamento das violências doméstica, institucional e ligada ao tráfico de drogas. Criado em 1997 e coordenado por Alba Zaluar, o Nupevi trabalha em conjunto com outras instituições como a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e a Fundação João Pinheiro, também de Minas Gerais. Uma das pesquisas realizadas no Nupevi investiga a influência da violência domiciliar na desnutrição infantil. Outro tema de investigação do núcleo, pesquisado em parceria com a UFMG, são as taxas de criminalidade em Minas Gerais e no Rio de Janeiro. O Nupevi dá destaque também para o estudo do tráfico internacional de drogas no Rio de Janeiro, suas

redes de atuação e sua influência na sociedade. A coordenadora do Nupevi relaciona a violência do tráfico à repetência e evasão escolar nos bairros onde ele ocorre. "A existência de opções de trabalho informal no mercado ilegal das drogas, assim como em outros tipos de crimes contra a pessoa e o patrimônio, também contribui para diminuir, aos olhos dos alunos pobres, a importância da escolarização e das oportunidades de profissionalização que ela oferece", diz Zaluar.

SAÚDE

Fiocruz estuda o impacto da violência de forma interdisciplinar

Há mais de uma década, existe na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) o Centro Latino-Americano de Estudos da Violência e Saúde (Claves). A linha de pesquisa desse centro tem como principal objetivo a abordagem interdisciplinar do tema violência e o estudo do seu impacto na área de saúde. Vinculado à Escola Nacional de Saúde Pública, as

pesquisas realizadas no Claves envolvem estudos em epidemiologia, psicologia e ciências sociais. Entre seus projetos estão a análise da mortalidade de idosos em regiões metropolitanas, por causas externas à sua saúde, e o estudo da influência da mídia sobre menores infratores. Os pesquisadores do Claves também estudam as mortes por lesões causadas em acidentes de trânsito, na cidade do Rio de Janeiro, o suicídio de jovens no Brasil, e as políticas públicas e os programas para adolescentes infratores no Rio de Janeiro e em Porto Alegre. "A violência é exercida, sobretudo, enquanto processo social, portanto, não é objeto específico da área da saúde", dizem Maria Cecília Minayo e Edinalsa Ramos de Souza, pesquisadoras do Claves e líderes do grupo de pesquisa em epidemiologia da violência. "Mas, além de atender às vítimas da violência social, a área tem a função de elaborar estratégias de prevenção, de modo a promover a saúde", afirmam.

SOCIOLOGIA

UFRGS avalia papel dos conflitos na construção da cidadania

Em 1997, pesquisadores do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) criaram um núcleo de estudos chamado "Violência e Cidadania". Coordenado por José Vicente Tavares dos Santos e Juan Mario Fandino Marino, do IFCH, o núcleo realiza pesquisas sobre conflitos agrários, sistema

penitenciário e violência na escola, entre outras. Sobre as causas da expansão da violência na sociedade brasileira, Santos e Marino afirmam que "suas raízes sociais estão no aumento do desemprego na economia, no enfraquecimento das instituições socializadoras e na banalização da violência pelos meios de comunicação de massa". Segundo eles, a expansão da violência ocorre tanto pelo espaço social como por agentes do Estado, enquanto a cidadania tem sido dilacerada. Um dos trabalhos de maior repercussão do núcleo é o "Mapa Social da Violência e Cidadania", ligado aos estudos sobre criminalidade, sistema prisional e organizações policiais. Os pesquisadores no núcleo "Violência e Cidadania", da UFRGS, além de participar de fóruns, debates e seminários e de entrevistas na mídia, atuam em cursos de formação de policiais e profissionais da área de segurança pública.

JUSTIÇA

Estudos do ILANUD colaboram com a segurança pública de São Paulo

O Instituto Latino-Americano para a Prevenção do Delito e Tratamento do Delinqüente (ILANUD) é uma organização internacional de defesa dos direitos humanos. No Brasil, a instituição, que faz pesquisa e difusão do conhecimento na área da justiça criminal, atua junto à Secretaria da Administra-

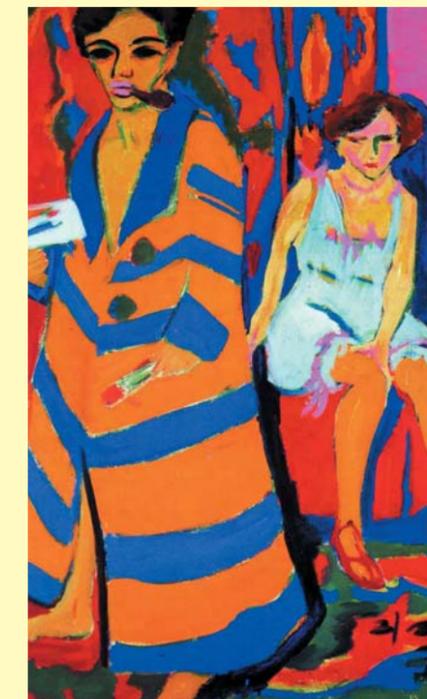
ção Penitenciária do Estado de São Paulo, em convênio com o Ministério da Justiça. O ILANUD colabora também com outros órgãos governamentais, como as secretarias estaduais de Justiça e Cidadania, de Segurança Pública, e da Criança, Família e Bem-Estar Social, de São Paulo, além de cooperar com organizações não governamentais na divulgação e aplicação dos parâmetros normativos sobre segurança estabelecidos pela Organização das Nações Unidas. Coordenado pelos sociólogos Oscar Vilhena Vieira e Túlio Kahn, o ILANUD realiza estudos como a pesquisa de vitimização no município de São Paulo. Esse estudo busca estimar, a partir de dados amostrais, os crimes que vitimaram a população da cidade, e analisar a percepção que essa população tem da polícia e dos métodos adotados para a prevenção da criminalidade.

PAGU

Centro investiga características do atendimento nas delegacias da mulher

A pesquisa "Gênero e Cidadania, Tolerância e Distribuição da Justiça", desenvolvida no Pagu pelas professoras Guita Grin Debert, Maria Filomena Gregori e Adriana Piscitelli, com o financiamento da Fundação Ford, revela como é feito o atendimento a mulheres, idosos, adolescentes e crianças vítimas de violência pelas delegacias especiais de polícia que apuram e investigam os delitos. O enfoque especial é dado às Delegacias de Defesa da Mulher

(DDMs), criadas em 1986 no Estado de São Paulo. O Núcleo de Estudos do Gênero - Pagu pertence à Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Segundo as pesquisadoras Guita Debert e Maria Filomena Gregori, o objetivo do trabalho é contribuir para a agilização das informações das DDMs, a uniformização dos dados e a promoção do entrosamento entre os agentes das várias unidades. Elas revelam que os dados disponíveis sobre o perfil social das vítimas e os acusados são quase inexistentes nas delegacias de polícia ou são muito precários. Sem esse tipo de informação é impossível maximizar a eficiência e melhorar a qualidade dos serviços prestados. A pesquisa está em andamento, será publicada no livro *Gênero & Cidadania*, que está previsto chegar ao público no segundo semestre de 2002.



Auto-retrato com modelo, de Ernst Ludwig Kirchner, 1910